SEVEN publicações acadêmicas
EM PARCERIA COM: IEMS UNIASSELVI

A importância da comunicação familiar no desafio do uso de substâncias: Um estudo

Ana Carla Nunes do Nascimento Santos
Instituição: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano
E-mail: anacarlanunes907@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0000-9806-5096
Lattes: https://lattes.cnpq.br/4078359580398724

RESUMO
O objetivo deste estudo foi investigar a intrínseca relação entre a comunicação familiar e o enfrentamento do uso de substâncias. A pesquisa evidenciou que um ambiente comunicacional aberto e de apoio familiar é um pilar fundamental na prevenção, tratamento e recuperação. As famílias enfrentam dificuldades como conflitos e desgaste, mas recursos como terapia e grupos de apoio são úteis. O uso de drogas impacta o comportamento, diminuindo o respeito aos limites e consentimento. O estigma dificulta a busca por ajuda e o diálogo. Sugestões incluem criar espaços seguros e buscar ajuda externa.

Palavras-chave: Apoio Familiar. Comunicação Familiar. Estigma. Prevenção. Uso de Substâncias.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo explora a intrínseca relação entre a comunicação familiar e o enfrentamento do uso de substâncias, destacando como um ambiente comunicacional aberto e de apoio pode ser um pilar na prevenção, tratamento e recuperação.

A relevância desta pesquisa reside em sua capacidade de aprofundar a compreensão sobre como a dinâmica familiar, especialmente a comunicação, impacta diretamente o ciclo do uso de substâncias. Teoricamente, o trabalho contribui ao integrar conhecimentos sobre comunicação interpessoal, dinâmicas familiares e teorias de dependência química, oferecendo uma perspectiva mais holística sobre o tema. Na prática, espera-se que os insights gerados possam subsidiar o desenvolvimento de intervenções mais eficazes, programas de prevenção familiar e estratégias de apoio para famílias que lidam com o uso de substâncias, além de promover um diálogo mais aberto e informado sobre o assunto.

A pesquisa analisa as dificuldades enfrentadas pelas famílias, os recursos úteis disponíveis e o papel fundamental da família no processo de recuperação. De forma crucial, o estudo aborda o impacto do uso de drogas no comportamento de homens em relação às mulheres, discutindo questões de respeito, consentimento e assédio. A pesquisa se propõe a discutir a percepção dos participantes sobre esses temas, embasada em dados coletados.

Por conseguinte, “Por outro lado, a falta de diálogo na família pode acarretar conflitos de relacionamento, e problemas relativos à comunicação com os pais e a falta de compreensão na família podem afetar o bem-estar dos adolescentes, conduzindo-os a outros ambientes fora de casa.Diante disso, o

diálogo constitui ferramenta chave para a prevenção ao uso de drogas de quaisquer naturezas e permite o bom relacionamento entre todos os membros da família. reflita levando a questão do diálogo familiar a comunicação" (Freires et al.,2012,p.102).

Diante do exposto, a comunicação familiar deficiente, marcada pela ausência de um diálogo aberto, pode gerar conflitos interpessoais e levar adolescentes a buscarem validação em ambientes externos, aumentando o risco de envolvimento com substâncias. Nesse sentido, o diálogo emerge como um componente essencial para a prevenção do uso de drogas e para a promoção de um relacionamento familiar saudável e compreensivo.

A família é a base de formação do ser humano, tendo um papel de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo, pois, é neste vínculo familiar que são transmitidos valores sociais e morais, que servirão de alicerce no processo de socialização.Essa citação reforça que a família é melhor apoio no tratamento das drogas.(Pereira et al.,2018,p.4).

Se a família é essa base tão forte, com essa capacidade de transmitir valores e moldar o indivíduo, então ela se torna um recurso poderoso no tratamento da dependência química.

Assim a dependência química não afeta apenas o indivíduo, mas reverbera intensamente nas suas relações familiares, transformando-se em um fenômeno social complexo. Os desafios que ela apresenta são, de fato, um emaranhado de variáveis que exigem uma análise cuidadosa de todos os fatores envolvidos. Por isso, é fundamental buscar compreender não só o que é a dependência química em si, mas também como a dinâmica familiar pode interferir significativamente no processo de tratamento e recuperação(Albuquerque et al.,2024).

Diante desse cenário, é como se a dependência química fosse uma onda que começa pequena em uma pessoa, mas que acaba batendo forte em toda a família. Ela não para no indivíduo, sabe? A gente vê que isso vira uma confusão bem grande, cheia de pedacinhos diferentes que precisam ser olhados com atenção. Por isso, não adianta só pensar no que a pessoa consome, a gente tem que entender como a família funciona, porque isso faz toda a diferença para a pessoa melhorar.

Para além disso, o uso de substâncias psicoativas cria a necessidade que leva à violência financeira (roubar/desviar dinheiro). Essa violência financeira, por sua vez, gera sofrimento, instabilidade e conflitos no relacionamento, que são formas de violência emocional/psicológica. Esses conflitos e a instabilidade geral do relacionamento criam um terreno fértil para que a violência doméstica se manifeste de outras formas, potencialmente incluindo a física, impulsionando todo o ciclo de abuso. É um ciclo vicioso onde a dependência química é a raiz que alimenta as diversas manifestações da violência doméstica(Zilberman et al.,2005).

O objetivo principal deste artigo é explorar a influência da comunicação familiar e do apoio mútuo na prevenção, tratamento e recuperação do uso de substâncias, identificando as dificuldades enfrentadas

pelas famílias e propondo estratégias para melhorar a comunicação e o apoio no contexto familiar.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou uma abordagem mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos para uma análise aprofundada. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, que continha tanto perguntas fechadas quanto perguntas abertas. As respostas às perguntas fechadas foram sistematicamente tabuladas e analisadas, com os resultados apresentados em gráficos (como barra e pizza), permitindo uma clara visualização das tendências e da distribuição das percepções dos participantes sobre diversos aspectos do uso de substâncias e suas repercussões familiares e sociais.

Paralelamente, as respostas às perguntas abertas foram submetidas a uma análise de conteúdo temática. Este processo envolveu a identificação minuciosa de temas recorrentes, a categorização das ideias expressas e a interpretação dos significados subjacentes, com o objetivo de aprofundar a compreensão das complexidades e das experiências individuais.

A integração desses resultados quantitativos e qualitativos foi fundamental para a construção de uma compreensão holística do fenômeno estudado, onde os gráficos forneceram uma visão geral das percepções, enquanto as narrativas qualitativas trouxeram o contexto, as nuances e as explicações detalhadas, permitindo não apenas identificar o quê os participantes percebiam, mas também por quê e como eles vivenciavam o uso de substâncias e suas repercussões familiares e sociais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO / FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

As contribuições teóricas deste estudo residem na exploração da comunicação familiar como um fator protetor e facilitador no contexto do uso de substâncias. Discute-se como o apoio emocional, a prevenção de conflitos e a identificação precoce de problemas, promovidos por uma comunicação aberta, são essenciais. Além disso, o estudo aborda a teoria de que o uso de substâncias pode alterar a percepção e o comportamento, especialmente em relação ao respeito e consentimento nas interações interpessoais, e como o estigma associado ao uso de drogas cria barreiras significativas para a busca de ajuda e o diálogo familiar.

3.1 TEORIAS SOBRE COMUNICAÇÃO FAMILIAR

A comunicação familiar é um campo riquíssimo e fundamental para a compreensão da dinâmica de qualquer unidade familiar. Diversas teorias foram desenvolvidas para explicar como os membros de uma família se comunicam, como essa comunicação afeta seus relacionamentos e o desenvolvimento individual, e como os padrões comunicacionais se estabelecem e mudam ao longo do tempo. Segundo Da Silva et al. (2024) a comunicação verbal não é apenas um canal para expressar pensamentos e sentimentos, mas uma ferramenta ativa na reconstrução da identidade familiar e individual. Ao permitir que preocupações sejam articuladas e soluções sejam construídas coletivamente, ela fortalece os laços, promove a empatia e cria um ambiente de apoio mútuo. A terapia, ao focar nessa comunicação, capacita os membros a desenvolverem novas narrativas familiares, onde o problema uso de substâncias é enfrentado de forma colaborativa, e as mudanças positivas são validadas e sustentadas através do diálogo contínuo.

Diante do exposto, a comunicação familiar, mais que expressar sentimentos, é uma ferramenta ativa na reconstrução de identidades, fortalecendo laços e capacitando famílias a criar novas narrativas colaborativas diante dos desafios.

Corroborando com isso, a comunicação é realmente um pilar essencial da existência humana, algo que cresceu e se desenvolveu lado a lado com as próprias sociedades. É por meio dela que as relações dentro das famílias ganham forma e se modificam ao longo do tempo. Ao longo dos séculos, as ferramentas e os métodos que foram criados para nos comunicar não só nos deram mais voz e alcance, mas também alteraram significativamente a maneira como interagimos uns com os outros, e isso inclui, claro, o ambiente familiar. (Temer, 2004). Como apontado, realmente, a comunicação se mostra como um alicerce insubstituível para a vida em sociedade e para a própria experiência humana. Ela é o fio condutor que tece e reconstrói os laços familiares ao longo do tempo.

Além disso, a Teoria da Comunicação é reconhecida por sua natureza multifacetada e pela permeabilidade de suas fronteiras. Ao integrar conhecimentos de campos diversos, como Psicanálise e estudos políticos, a disciplina apresenta uma rica tapeçaria de teorias e perspectivas. Essa característica, aliás, é apontada por Bryant e Miron como um reflexo da flexibilidade e da amplitude de seu escopo, sem definições estritamente delimitadas (Martins,2017). Assim destaca-se que a Teoria da Comunicação é uma grande composição. Ela não se prende a um único jeito de ver as coisas, mas sim abraça uma variedade de perspectivas e abordagens. Suas fronteiras são bastante flexíveis, permitindo que ela dialogue e incorpore ideias de diversas outras áreas do conhecimento. Isso a torna uma disciplina rica e dinâmica, capaz de analisar os complexos fenômenos comunicacionais sob diferentes ângulos.

A comunicação, sob a ótica da psicologia sistêmica, é um elemento essencial que molda as dinâmicas familiares, sendo vista não apenas como troca de informações, mas como um processo que reflete e constrói as relações e estruturas do sistema, onde o contexto da interação é tão ou mais importante que o conteúdo

verbal. isso se adequa para um conteúdo em artigo(INSTITUTO VERÍSSIMO,2024).Cada interação comunicacional, portanto, contribui para a teia de significados e comportamentos que definem a família.

Por sua vez, Paul Watzlawick, renomado psicólogo austríaco, destacou que a comunicação é uma força motriz essencial tanto em nossas vidas pessoais quanto na estrutura da sociedade, operando de maneira tão intrínseca que muitas vezes escapa à nossa consciência. Ele ressaltou que, desde os primórdios de nossa existência, estamos imersos em um processo contínuo de aprendizado e internalização das normas comunicacionais que moldam nossos relacionamentos(González, et al.,2022). Portanto, compreender esses padrões comunicacionais subjacentes é fundamental para desvendar a complexidade das relações humanas.

3.2 TEORIAS SOBRE O USO DE SUBSTÂNCIAS

Existem diversas teorias que buscam explicar por que as pessoas usam substâncias, desde aquelas que causam dependência até outras que podem ser usadas de forma recreativa. Essas teorias geralmente se complementam, pois o uso de substâncias é um fenômeno complexo influenciado por uma variedade de fatores. Segundo estudos, a presença de substâncias psicoativas, seja por parte do agressor, da vítima ou de ambos, está associada a uma vasta maioria dos casos de violência doméstica notificados, chegando a 92%. Essa conexão se dá, em parte, porque o álcool age como um desinibidor, facilitando a ocorrência de atos violentos, enquanto estimulantes como cocaína e crack podem reduzir drasticamente o controle de impulsos e intensificar sentimentos de perseguição, tornando os indivíduos mais propensos a reagir agressivamente(Zilberman et al.,2005).

Assim, o uso de substâncias psicoativas, sejam elas álcool ou estimulantes, cria um ambiente onde a violência doméstica tem muito mais chances de acontecer e de ser mais grave. O álcool facilita a ação violenta, enquanto estimulantes aumentam a impulsividade e a paranoia, levando a reações agressivas descontroladas. É por isso que a presença dessas substâncias está tão ligada aos episódios de violência doméstica.

Corroborando com isso, as substâncias psicoativas, ao atuarem no sistema nervoso central, alteram sensações, emoções e consciência. Elas se dividem em lícitas (álcool, cigarros, medicamentos) e ilícitas (cocaína, crack, maconha), sendo estas últimas proibidas por lei. Classificadas por sua ação, incluem depressoras (álcool), estimulantes (cocaína, crack) e perturbadoras (maconha). Muitas dessas substâncias ativam intensamente os centros de prazer do cérebro, criando um desejo forte que leva à perda de controle e dependência, além de alterarem a regulação de emoções negativas e gerarem desconforto na ausência da droga, perpetuando um ciclo de uso e dependência(Pereira,2021)

Diante disso, o consumo crônico dessas substâncias leva a alterações na regulação de emoções negativas, como ansiedade e irritabilidade, e a manifestação de desconfortos físicos e psíquicos na ausência da droga, configurando um ciclo de "uso-abuso-dependência" que se perpetua pela busca do alívio do mal-

estar.

Bem como, a dependência química é uma doença crônica e multifatorial, isso significa que diversos fatores podem contribuir para o seu desenvolvimento incluindo a quantidade e frequência do uso da substância, onde a condição de saúde do indivíduo, os fatores ambientais, genéticos, psicossociais, e culturais contribuem para a dependência química do indivíduo(OMS, 2001 apud Pereira et al.,2018,p.4).

De tal forma, essa perspectiva da OMS é fundamental porque ela nos afasta da ideia simplista de que a dependência é apenas uma questão de "falta de força de vontade" ou um "mau comportamento". Ao classificá-la como crônica, a OMS reconhece que, assim como outras doenças crônicas (como diabetes ou hipertensão), a dependência química exige um manejo contínuo e, muitas vezes, é uma condição que acompanha o indivíduo a longo prazo, com períodos de remissão e recaída. Não é algo que se "cura" de uma vez por todas, mas sim uma condição que precisa ser gerida.

A dependência química é vista como uma doença intrincada e com múltiplas origens, que podem incluir dificuldades emocionais, como medo e ansiedade, ou contextos desfavoráveis, como lares desestruturados ou grupos sociais que fazem uso de drogas. Conforme apontado por Schnorrenberger (2003), o consumo de substâncias tende a se intensificar progressivamente, começando por drogas tidas como menos potentes e avançando para outras mais fortes, como o crack ou a heroína. Pereira et al. (2018) acrescentam que essa escalada pode levar o cérebro a desenvolver novas formas de sentir prazer, que se tornam acessíveis apenas através da droga.

A reflexão destaca que a dependência química é uma doença complexa com origens multifacetadas, incluindo fatores emocionais como medo e ansiedade, e ambientais como lares desestruturados ou influências sociais negativas. O consumo de substâncias tende a progredir de drogas menos potentes para outras mais fortes, levando o cérebro a desenvolver novas formas de sentir prazer que se tornam acessíveis apenas através da droga."

Por conseguinte, a dependência química é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença crônica e recorrente. Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), essa condição se manifesta por meio de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, levando o indivíduo a manter o uso da substância mesmo diante de graves consequências (Vasques et al., 2018 apud Albuquerque et al.,2024)).

Diante deste cenário, a Organização Mundial da Saúde diz que a dependência química não é só um 'mau hábito', mas sim uma doença que pode voltar, tipo uma condição crônica. E a CID-10, que é um jeito de classificar as doenças, explica que essa tal dependência mexe com a cabeça, o comportamento e até o corpo da pessoa. O mais complicado é que, mesmo quando as coisas ficam feias e as consequências são ruins, a pessoa continua usando a substância. É como se o corpo e a mente estivessem em um ciclo difícil de quebrar.

4 RESULTADOS

Os resultados indicam que a comunicação aberta e o apoio familiar são percebidos como fundamentais para a prevenção, acolhimento e recuperação no uso de substâncias. As famílias enfrentam dificuldades como conflitos constantes, carga emocional intensa e desgaste dos laços afetivos. Recursos como apoio psicológico, terapia familiar e grupos de apoio são considerados úteis. A família desempenha um papel crucial na recuperação, oferecendo sustentação emocional.

4.1 ANÁLISE DETALHADA DAS RESPOSTAS ABERTAS E SUAS IMPLICAÇÕES

4.1.1 Percepção sobre Comunicação Aberta e Apoio Familiar no Uso de Substâncias:

Este tópico aborda a importância percebida da comunicação aberta e do apoio familiar no enfrentamento de questões delicadas como o uso de substâncias. As respostas destacam que a comunicação aberta é fundamental para a prevenção, o acolhimento e a identificação precoce de problemas, enquanto o apoio familiar oferece a base emocional necessária para o tratamento e a recuperação.

4.1.2 Principais Dificuldades Familiares no Uso de Drogas:

Aqui são listadas as principais dificuldades que as famílias enfrentam quando um membro lida com o uso de drogas. As respostas apontam para conflitos constantes, carga emocional intensa (culpa, vergonha, medo), impacto financeiro, isolamento social, dificuldade em buscar ajuda e o desgaste dos laços afetivos.

4.1.3 Recursos e Apoio Úteis para Famílias com Uso de Drogas:

Este tópico foca nos recursos e tipos de apoio considerados mais úteis para famílias que enfrentam o uso de drogas. As sugestões incluem apoio psicológico e terapia familiar, grupos de apoio, informação e orientação, redes de saúde pública e assistência social, e programas de fortalecimento de vínculos.

4.1.4 Papel da Família na Recuperação de Usuários de Drogas:

As respostas enfatizam o papel crucial da família na recuperação de indivíduos que usam drogas. A família é vista como a base de sustentação, oferecendo apoio emocional, segurança, e sendo fundamental para a prevenção de recaídas e a colaboração no tratamento.

4.1.5 Impacto do Uso de Drogas no Comportamento de Homens com Mulheres:

Este tópico a influência do uso de drogas na abordagem de homens a mulheres. As respostas indicam que o uso de drogas pode ser usado como justificativa para comportamentos inadequados, desrespeitosos ou violentos, afetando o julgamento e o autocontrole, embora não deva ser visto como uma desculpa válida.

4.1.6 Drogas Associadas a Comportamentos Agressivos/Desrespeitosos contra Mulheres:

Aqui são identificadas as drogas mais associadas a comportamentos agressivos ou desrespeitosos contra mulheres. Álcool, cocaína e crack são frequentemente mencionados, juntamente com outras substâncias que alteram o sistema nervoso central e a noção de limites.

4.1.7 Abordagem de Programas Educativos sobre Drogas:

Este tópico discute a necessidade de programas educativos sobre drogas abordarem também questões de respeito e consentimento nas relações interpessoais. As respostas defendem que essa abordagem é essencial para formar cidadãos conscientes, prevenir abusos, e lidar com múltiplos riscos.

4.1.8 Sugestões para Melhorar a Comunicação Familiar e o Apoio Mútuo:

As sugestões para tornar a comunicação familiar mais eficaz e o apoio mútuo mais presente incluem a criação de espaços seguros e sem julgamentos, o estabelecimento de momentos regulares de diálogo, a valorização de gestos de cuidado, a busca por ajuda externa quando necessário, e a conscientização sobre a importância da família na reabilitação.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE GRÁFICOS DE PIZZA E BARRA

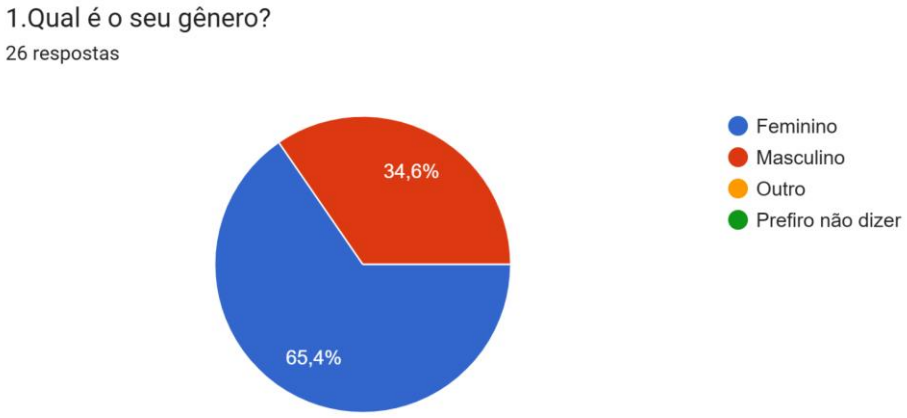
4.2.1 Gênero dos Participantes:

Conforme apresenta-se o gráfico de pizza mostra que a maioria dos respondentes é feminina (65,4%), seguida por masculina (34,6%).

4.2.1.1 Relevância:

Assim, essa distribuição de gênero é importante para entender a perspectiva predominante nas respostas. Saber que a maioria das opiniões vêm de mulheres pode influenciar a forma como interpretamos as demais respostas, especialmente nas questões que envolvem relações de gênero e violência.

Figura 1



Fonte: Autoria própria (2025).

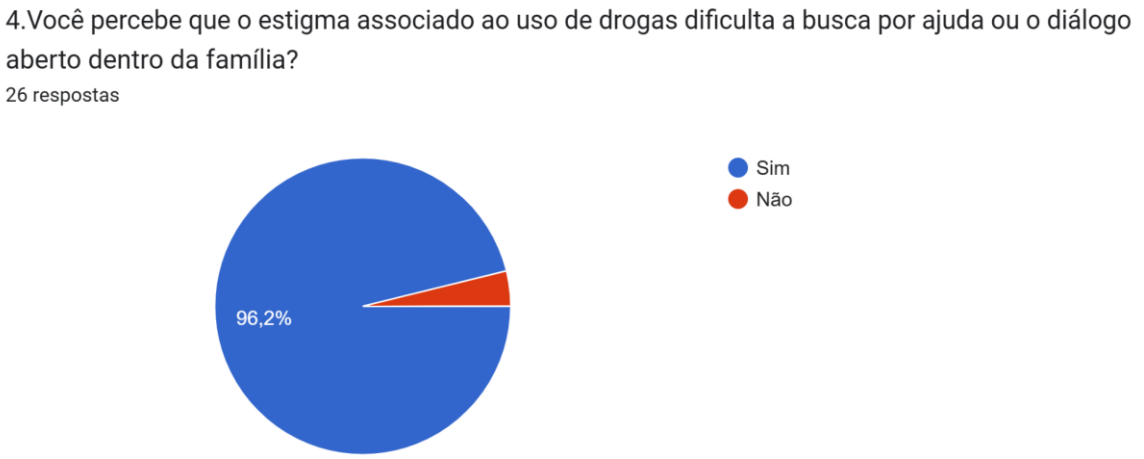
4.2.2 Percepção sobre o Estigma e Dificuldade de busca/Diálogo:

Após exposto no gráfico de pizza, uma esmagadora maioria (96,2%) percebe que o estigma associado ao uso de drogas dificulta a busca por ajuda ou o diálogo aberto dentro da família. Apenas uma pequena parcela (3,8%) não percebe essa dificuldade.

4.2.2.1 Relevância:

Este dado corrobora os resultados anteriores e enfatiza a necessidade de desmistificar o uso de drogas e oferecer um ambiente mais acolhedor e livre de julgamentos para que as famílias possam buscar e oferecer o apoio necessário.

Figura 2



Fonte: Autoria própria (2025).

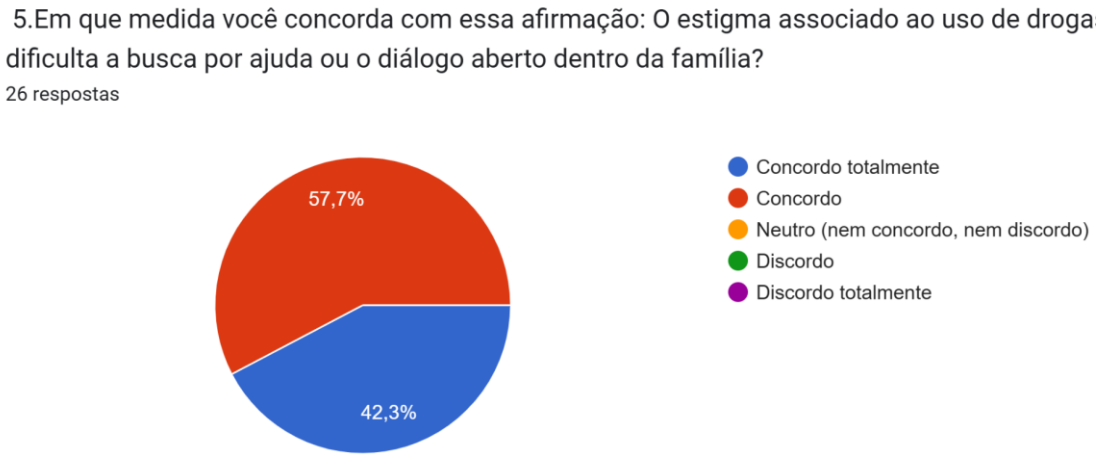
4.2.3 Medida de Concordância com a Afirmação sobre Estigma:

Resultado do Gráfico: 100% dos respondentes concordam totalmente (57,7%) ou concordam (42,3%) que o estigma associado ao uso de drogas dificulta a busca por ajuda ou o diálogo aberto dentro da família.

4.2.3.1 Relevância:

A concordância total dos participantes reforça a ideia de que o estigma é um obstáculo real e significativo, que precisa ser combatido para facilitar a recuperação e o apoio familiar.

Figura 3



Fonte: Autoria própria (2025).

4.2.4 Percepção sobre o Estigma Associado ao Uso de Drogas:

Resultado do Gráfico: Uma parcela significativa percebe que o estigma associado ao uso de drogas dificulta ambos os aspectos: a busca por ajuda e o diálogo aberto dentro da família (42,3%). Outros concordam totalmente com essa afirmação (57,7%).

4.2.4.1 Relevância:

Este resultado é crucial. Ele demonstra o impacto direto do estigma em criar barreiras para a busca de tratamento e para a comunicação familiar, que são fundamentais para a recuperação.

Figura 4

Fonte: Autoria própria (2025).

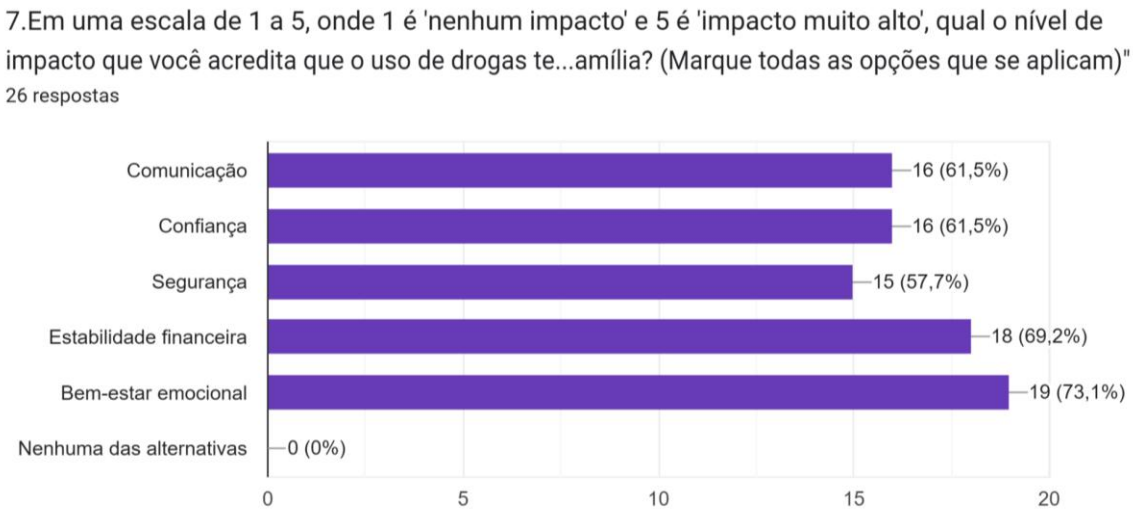
4.2.5 Nível de Impacto do Uso de Drogas na Família:

Como exposto, este gráfico de barras, com uma escala de 1 a 5, revela que o impacto do uso de drogas na família é percebido como muito alto em diversos aspectos. Os mais afetados são o bem-estar emocional (73,1%) e a estabilidade financeira (69,2%). Comunicação e confiança também são significativamente impactados (ambos com 61,5%), seguidos pela segurança (57,7%).

4.2.5.1 Relevância:

Os resultados confirmam a percepção de que o uso de drogas desestabiliza a família em múltiplos níveis. O alto impacto no bem-estar emocional e financeiro reforça a necessidade de apoio e intervenção que aborde essas áreas de forma integrada.

Figura 5



Fonte: Autoria própria (2025).

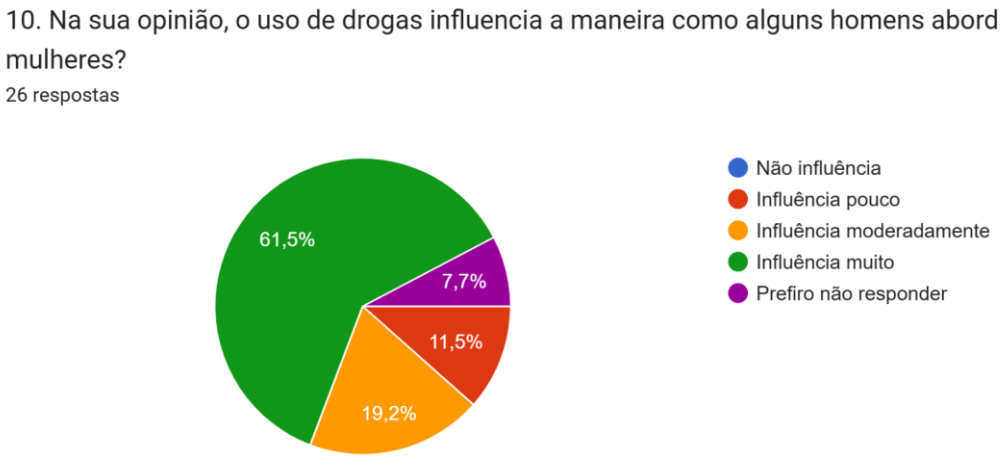
4.2.6 Influência do Uso de Drogas na Abordagem de Homens com Mulheres:

De acordo com o gráfico de pizza indica que a maioria dos respondentes (61,5%) acredita que o uso de drogas influencia moderadamente a maneira como alguns homens abordam mulheres. Uma parcela significativa também percebe uma influência pouco (19,2%) ou muito (11,5%) influente.

4.2.6.1 Relevância:

Isso sugere uma percepção generalizada de que o uso de substâncias pode alterar o comportamento masculino nas interações com mulheres, potencialmente levando a abordagens menos respeitosas ou mais impulsivas, o que se alinha com as discussões sobre desrespeito e violência.

Figura 6



Fonte: Autoria própria (2025).

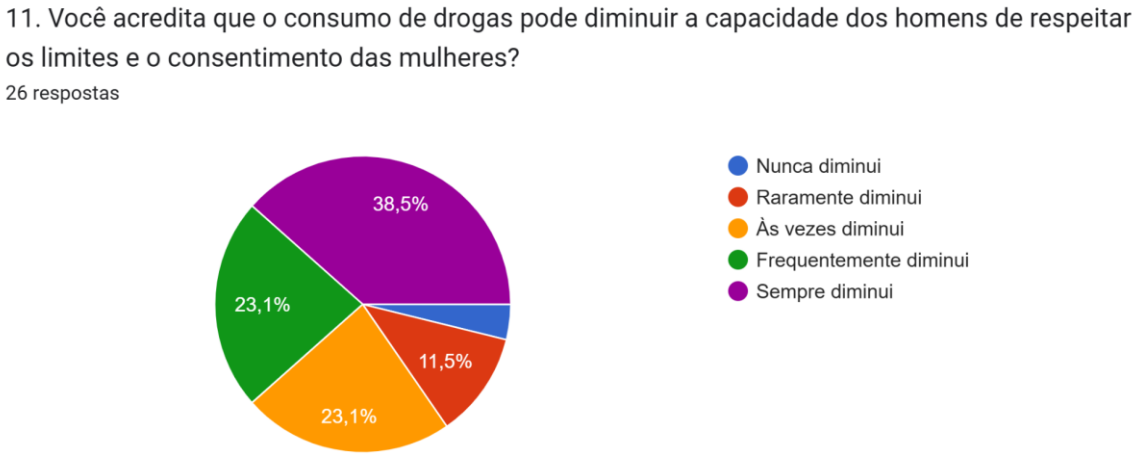
4.2.7 Diminuição da Capacidade de Respeito e Consentimento:

Diante do gráfico de pizza mostra que a maioria dos respondentes (38,5%) acredita que o consumo de drogas diminui frequentemente a capacidade dos homens de respeitar limites e consentimento das mulheres. Uma parcela considerável também acredita que isso acontece às vezes (23,1%) ou raramente (23,1%).

4.2.7.1 Relevância:

Este é um dado muito forte. Ele aponta para a percepção de que o uso de drogas pode ser um fator que compromete diretamente o respeito e o consentimento nas relações, aumentando o risco de assédio e abuso sexual.

Figura 7



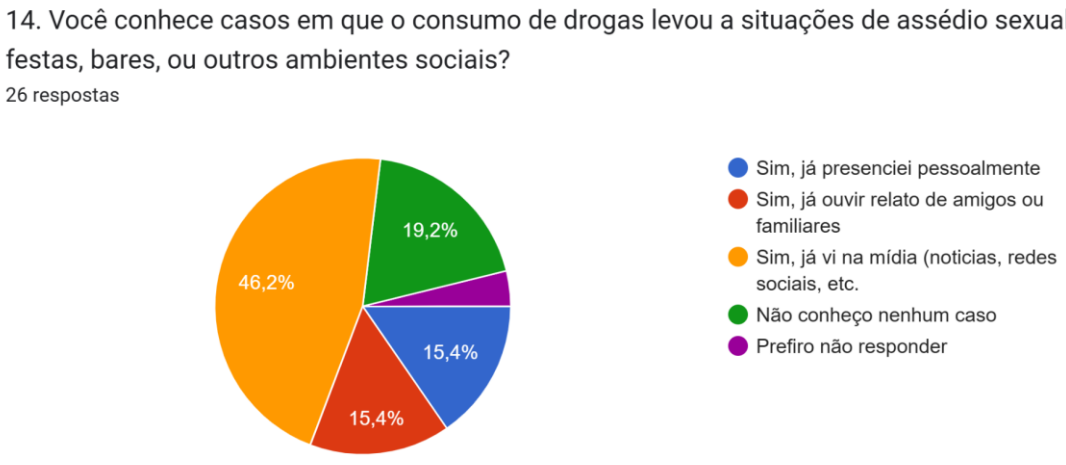
Fonte: Autoria própria (2025).

4.2.8 Conhecimento sobre Casos de Assédio Sexual Relacionado ao Uso de Drogas:

A maioria dos respondentes já presenciou pessoalmente (46,2%) ou ouviu relatos de amigos/familiares (19,2%) sobre casos de assédio sexual em ambientes sociais associados ao uso de drogas. Uma parcela também viu isso na mídia (15,4%).

Relevância: Os resultados confirmam que o problema do assédio sexual relacionado ao uso de drogas não é apenas uma percepção, mas uma realidade presenciada ou conhecida por uma grande parte dos participantes, reforçando a urgência de ações preventivas.

Figura 8



Fonte: Autoria própria (2025).

4.2.9 Prevenção de Comportamentos de Assédio e Desrespeito:

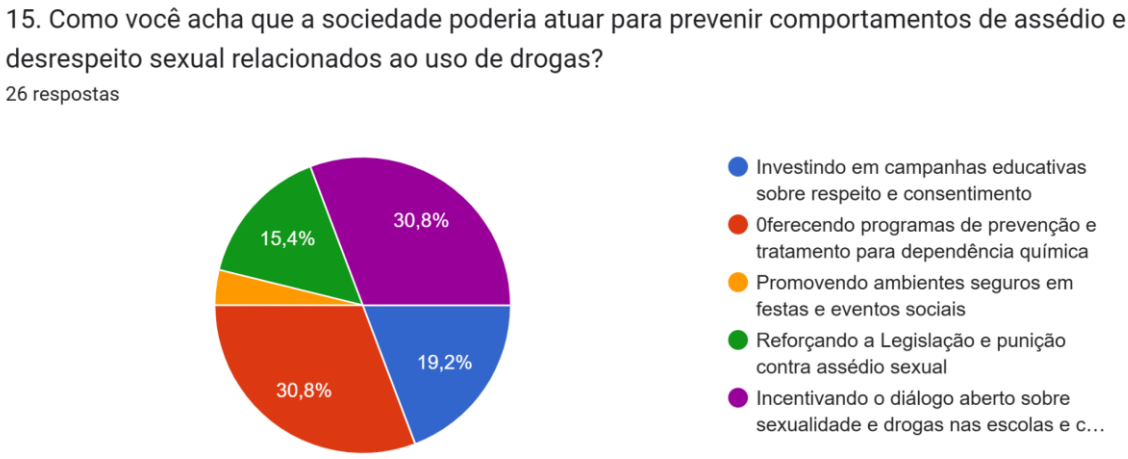
As sugestões mais votadas para a sociedade prevenir esses comportamentos são investir em

campanhas educativas sobre respeito e consentimento (30,8%) e reforçar a legislação e punição contra assédio sexual (30,8%). Oferecer programas de prevenção e tratamento para dependência química (19,2%) e promover ambientes seguros (15,4%) também são importantes.

4.2.9.1 Relevância:

Isso indica que a sociedade reconhece a necessidade de uma abordagem multifacetada, combinando educação, legislação e suporte, para combater o assédio e o desrespeito sexual em contextos de uso de drogas.

Figura 9



Fonte: Autoria própria (2025).

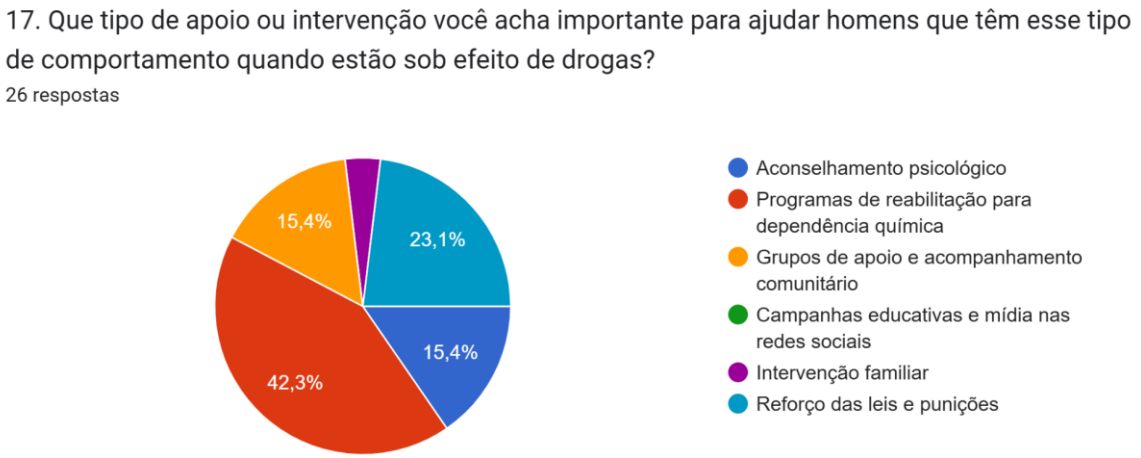
4.2.10 Apoio Importante para Homens com Comportamentos sob Efeito de Drogas:

Resultado do Gráfico: O apoio mais considerado importante é o aconselhamento psicológico (42,3%). Em seguida, aparecem programas de reabilitação (23,1%), grupos de apoio comunitário (15,4%), intervenção familiar (15,4%) e campanhas educativas (15,4%).

4.2.10.1 Relevância:

Os dados mostram uma forte demanda por suporte profissional e terapêutico, mas também reconhecem a importância de abordagens comunitárias e educacionais para lidar com comportamentos inadequados sob o efeito de drogas.

Figura 10



Fonte: Autoria própria (2025).

5 CONCLUSÃO

Este estudo investigou a intrínseca relação entre a comunicação familiar e o enfrentamento do uso de substâncias, evidenciando que um ambiente comunicacional aberto e de apoio familiar é um pilar fundamental na prevenção, tratamento e recuperação. Os resultados da pesquisa confirmam a percepção dos participantes de que a comunicação aberta e o apoio mútuo são essenciais para a prevenção, acolhimento e identificação de problemas relacionados ao uso de substâncias. As famílias enfrentam dificuldades significativas, como conflitos constantes, carga emocional intensa e desgaste dos laços afetivos, mas recursos como apoio psicológico, terapia familiar e grupos de apoio são considerados úteis para o processo de recuperação.

Adicionalmente, o estudo destacou o impacto do uso de drogas no comportamento, especialmente em relação à diminuição da capacidade de homens em respeitar limites e consentimento das mulheres, com álcool, cocaína e crack sendo frequentemente associados a comportamentos agressivos e desrespeitosos. O estigma associado ao uso de drogas foi identificado como um obstáculo real e significativo que dificulta a busca por ajuda e o diálogo familiar, reforçando a necessidade de ações preventivas que combinem educação, legislação e suporte. As sugestões para melhorar a comunicação e o apoio familiar incluem a criação de espaços seguros, diálogo regular, valorização do cuidado e busca por ajuda externa, ressaltando a importância de uma abordagem multifacetada para combater o assédio e o desrespeito sexual em contextos de uso de drogas. Em suma, a comunicação familiar e o apoio são cruciais para mitigar os efeitos negativos do uso de substâncias e promover relacionamentos familiares mais saudáveis e resilientes.

Este estudo, realizado no município de Floresta-PE, contou com a participação fundamental de familiares, profissionais do CAPS, de outras instituições com experiência em dependência química, bem como de membros da comunidade local, como comerciantes e empresários, e estudantes universitários. Essa

diversidade de olhares enriqueceu a investigação sobre a intrínseca relação entre a comunicação familiar e o enfrentamento do uso de substâncias, evidenciando que um ambiente comunicacional aberto e de apoio familiar é um pilar essencial na prevenção, tratamento e recuperação.

Os achados desta pesquisa oferecem contribuições valiosas tanto para a sociedade quanto para a academia. Para a sociedade, a compreensão aprofundada sobre a importância da comunicação familiar no contexto do uso de substâncias pode subsidiar o desenvolvimento de programas de prevenção mais eficazes, campanhas de conscientização que abordem o estigma e promovam o diálogo aberto, além de orientar políticas públicas voltadas ao apoio familiar e à saúde mental.

A identificação do impacto do uso de substâncias no desrespeito e assédio sexual também é crucial para a criação de ambientes mais seguros e para a promoção de relacionamentos baseados no consentimento e no respeito mútuo. No âmbito acadêmico, este estudo reforça a relevância de abordagens interdisciplinares que integrem a sexologia, a psicologia e as ciências sociais para a compreensão de fenômenos complexos como o uso de substâncias e suas intersecções com dinâmicas familiares e questões de gênero. Ele abre caminhos para investigações futuras que aprofundem a compreensão dos mecanismos de comunicação eficazes e dos fatores que promovem a resiliência familiar diante desses desafios.

É importante reconhecer algumas limitações inerentes a este estudo. A natureza da pesquisa, ao se basear em relatos e percepções dos participantes, está sujeita a vieses de memória e à subjetividade das experiências vividas. A amostra, embora relevante, pode não abranger a totalidade da diversidade de contextos familiares e socioeconômicos, o que pode limitar a generalização dos resultados. Além disso, a abrangência do estudo, ao abordar múltiplos aspectos, pode ter impedido um aprofundamento mais detalhado em cada um deles.

A participação ativa de diferentes setores da sociedade de Floresta-PE, desde familiares até profissionais e a comunidade em geral, permitiu uma compreensão multifacetada dos desafios enfrentados e das soluções possíveis. Essa colaboração reforça a importância de abordagens comunitárias e integradas no combate ao uso de substâncias e na promoção de relações familiares mais saudáveis e resilientes.

Com base nessas limitações e nos achados, recomendam-se pesquisas futuras que investiguem a eficácia de intervenções específicas de comunicação familiar em famílias que lidam com o uso de substâncias; explorem as diferenças culturais e socioeconômicas na dinâmica da comunicação familiar e no enfrentamento do uso de substâncias; realizem estudos longitudinais para acompanhar o desenvolvimento das relações familiares e o impacto da comunicação ao longo do tempo em famílias com histórico de uso de substâncias; aprofundem a análise da relação entre padrões de comunicação familiar e a ocorrência de violência sexual e desrespeito em contextos de uso de substâncias, utilizando metodologias mistas que combinem dados qualitativos e quantitativos; e investiguem o papel de redes de apoio comunitárias e institucionais na complementação do suporte familiar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Julia. Dependência química e dinâmica familiar: o impacto das relações no processo de recuperação. 2024. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FACS, 11., 2024, Toledo. 2024. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww4.fag.edu.br%2Fanais-2024%2FPsicologia%2520-%2520KARINE%2520BONIATTI.pdf&psig=AOvVaw3vbEFDeyoPu4ep28SQYWRy&ust=1756482200274000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CAYQrpoMahcKEwj40_Ge7K2PAxUAAAAAHQAAAAAQBA .pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

DA SILVA, Diego; PERCICOTTE, Josiane Pereira. A comunicação nos sistemas familiares–Uma revisão literária. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 5, p. 2591-2610, 2024.

MARTINS, Luís Mauro Sá. Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos. Editora Vozes Limitada, 2017.

FREIRES, Irlan de Almeida; GOMES, EM de A. O papel da família na prevenção ao uso de substâncias psicoativas. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, v. 16, n. 1, p. 99-104, 2012.

GONZÁLEZ, Sergio De Dios. Escrito por Gema Sánchez Cuevas. Teoria da comunicação humana. A Mente é Maravilhosa, 22 dez. 2022. Disponível em: https://amenteemaravilhosa.com.br/teoria-da-comunicacao-humana/ . Acesso em: 29 ago. 2025.

INSTITUTO VERÍSSIMO. Teorias da comunicação em psicologia sistêmica. Instituto Veríssimo. 2024 Disponível em: https://www.institutoverissimo.com.br/post/teorias-da-comunica%C3%A7%C3%A3o-em-psicologia-sist%C3%AAmica#:~:text=As%20teorias%20da%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20de,crescimento%20dentro%20de%20sistemas%20complexos.&text=Se%20voc%C3%AA%20se%20sentiu%20inspirado,capacitado%20para%20fazer%20a%20diferen%C3%A7a. . Acesso em: 29 ago. 2025.

PEREIRA, Bruna Rosa; CASCAES, N. O papel da família no tratamento da dependência química de usuários atendidos no CAPS AD de Tubarão/SC. Psicologia-Tubarão, 2018.

PEREIRA, Sandra Gonçalo. O uso de substâncias psicoativas. Assistente Social – CASS/Reitoria/Ifes, agosto de 2021. Disponível em:https://prodi.ifes.edu.br/images/stories/agosto-psico.pdf . Acesso em: 28 out. 2025.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; CUNHA, Vanda. Para entender as teorias da comunicação. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/76/o/Para_Entender_As_Teorias_da_Com_-_Ana_Carolina_Rocha_Pessoa_Temer_-_final .pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

ZILBERMAN, Mônica L.; BLUME, Sheila B. Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. Revista Brasileira de Psiquiatria , v. 27, p. s51-s55, 2005.